

Matthias J. A. Ham

TARDE
te AMEI

Formação de adultos
ao ministério ordenado



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ham, Matthias J. A.
Tarde te amei : formação de adultos ao ministério ordenado / Matthias
J. A. Ham. – São Paulo : Paulinas, 2022.
384 p. – (Coleção tendas)
ISBN 978-65-5808-169-2
1. Vocação sacerdotal – Adultos – Igreja Católica 2. Igreja Católica
– Ministério ordenado I. Título
22-2755 CDD 248.83

Índice para catálogo sistemático:

1. Vocação sacerdotal – Adultos – Igreja Católica

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
Antonio Francisco Lelo
Copidesque: *Ana Cecília Mari*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*
Capa e diagramação: *Tiago Filu*
Imagem de capa: *@Noppharat_th/depositphotos.com*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

TARDE TE AMEI

“Tarde te amei,
ó Beleza tão antiga e tão nova,
tarde demais eu te amei!
Eis que habitavas dentro de mim
e eu te procurava do lado de fora!
Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas.
Estavas comigo, mas eu não estava contigo.
Retinham-me longe de ti as criaturas
que não existiriam se em ti não existissem.
Tu me chamaste e teu grito rompeu minha surdez.
Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira.
Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti.
Eu te saboreei e agora tenho fome e sede de ti.
Tu me tocaste e agora estou ardendo no desejo de tua paz.”¹

“... entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui,
porque tu te fizeste meu auxílio.
Entre e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos
e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável.
[...] Quem conhece a verdade conhece esta luz,
E quem a conhece, conhece a eternidade.
O amor a conhece.
Ó eterna verdade,
verdadeira caridade e querida eternidade!
És o meu Deus, por ti suspiro dia e noite.
Desde que te conheci, tu me elevaste
para me fazer ver que havia algo para
ser visto, mas que eu era incapaz de ver.”²

¹ Agostinho, Santo. *Confissões*. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. Livro X, Capítulo XXVII, p. 173. São Paulo: Paulus, 1984. (Coleção Patrística.)

² *Ibid.*, Livro VII, Capítulo X, p. 111.

Agradecimentos

Agradeço de coração às várias pessoas que me auxiliaram com sugestões e correções na realização desta obra. Não posso deixar, porém, de mencionar a pessoa sem a qual eu não teria conseguido terminar este livro. Foi realmente muito trabalho para o Padre Hélio Guimarães, da diocese de Ponta Grossa, fazer do “meu português” de estrangeiro um português legível e compreensível. Ele colocou-se a minha disposição com paciência, perspicácia intelectual, humor e perseverança; reviu e corrigiu – muitas e muitas vezes – todo o conteúdo, por ele chamado de “nosso projeto”.

Dedicatória

Dedico o conteúdo de *Tarde te amei*, em primeiro lugar, a todos os adultos que se sabem chamados ao ministério ordenado e que iniciaram uma caminhada formativa. Foram e ainda são eles que, com sua motivação e dedicação, fizeram-me ver a importância da existência de institutos talhados especificamente para a formação de adultos. Igualmente dedico o texto aos formadores, de modo especial àqueles que assumiram o desafio de trabalhar com adultos.

SUMÁRIO

Apresentação	15
O clamor por novas estruturas	16
Divisão do texto.....	26
1 Vocaç�o como processo na Sagrada Escritura: Deus chama	29
Decidir sobre voca�o	29
Falar sobre voca�o.....	34
Introdu�o � espiritualidade b�blica da voca�o crist� individual	36
2 Voca�o: o homem responde em crescente liberdade	59
Introdu�o	59
Limita�es s�o inerentes � condi�o humana.....	62
Convers�o e processo vocacional.....	67
Autotransc�nd�ncia teoc�ntrica: sair de si, ir al�m	69
Santo ou pecador, normal ou patol�gico?	72
O que nos interessa do subconsciente.....	80
Crescer em consist�ncia	84
Patologias da alma: sete pecados capitais	88
Conflitos pessoais internos.....	91
Autotransc�nd�ncia na consist�ncia	99
O eu � din�mico	102
Motiva�es.....	105
3 Um modelo formativo para adultos	117
Introdu�o	117
Quem � “o adulto”? E quem � considerado “voca�o adulta”?.....	118
Adultos vocacionados	127

	Voltar a ser aprendiz.....	129
	Aprofundamento contínuo	130
	Realismo e praticidade	134
	Vocação adulta ou vocação madura	135
	Um instituto especificamente para vocacionados adultos	137
	Um modelo que novamente deve conquistar seu espaço	138
	Fundação de Bovendonk	140
	A preparação: definir o modelo formativo e estruturar	142
	Descrição geral do Plano Formativo	146
	Adquirir o senso de pertença à própria diocese	152
	Sobre as responsabilidades dos membros da coordenação e dos docentes.....	154
	Importância de colaboradores seniores.....	154
	Importância de colaboradoras femininas.....	156
	Um modelo aprovado pela prática	158
4	Trabalhar na prática com formandos adultos.....	159
	Transferência, contratransferência e complacência	159
	Ser formador: oportunidade de santificação.....	167
	Apenas boa vontade não é suficiente, é preciso preparar formadores	169
	Integrar vida de oração e vida social.....	170
	Habilidade em confrontar	171
	Formandos também são educadores e formadores uns dos outros.....	174
	Fases do discernimento.....	177
	Aspectos práticos e de discernimento durante a caminhada formativa.....	192
5	Engajamento e estágio pastoral	237
	Introdução	237
	Objetivos gerais do engajamento pastoral durante todo o caminho formativo	240

6 Os vários tipos de acompanhamento.....	267
Introdução	267
O que diz a Igreja sobre o acompanhamento	273
A prática geral atual do acompanhamento.....	274
O propósito do acompanhamento personalizado.....	278
Acompanhamento pré-admissão	280
7 Modelo de acompanhamento integral	305
Colóquio de crescimento vocacional segundo a escola de Rulla.....	305
Literatura recomendada para facilitar os colóquios.....	363
Literatura recomendada para maior compreensão da direção espiritual	363
Anexo 1: Critérios para a admissão no Instituto Bovendonk.....	365
Anexo 2: Conteúdo formativo por área (exemplo)	369
Referências	373

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais se ouve falar em vocações adultas e, com maior frequência, são organizados encontros e reuniões para tratar do assunto. Embora tal fenômeno possa até ser julgado interessante ou considerado como um desafio que exige uma resposta prática, a verdade é que não se sabe muito bem o que fazer com pessoas de certa idade que não se enquadram em nossas atuais estruturas eclesiais formativas.

Em seus documentos, a Igreja revela estar ciente da necessidade de um cuidado especial para com os adultos que desejam tornar-se presbíteros.

No Código de Direito Canônico, cân. 233, § 2, lê-se: “... Além disso, os sacerdotes e principalmente os bispos diocesanos sejam solícitos para que os homens de idade mais madura, que se julgarem chamados aos ministérios sagrados, sejam prudentemente ajudados por palavras e fatos e devidamente preparados”.

Na Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* (PDV), n. 64, o Papa São João Paulo II afirma que, “como sempre aconteceu na história da Igreja, e com algumas características de reconfortante novidade e frequência nas circunstâncias atuais, deve-se registrar o fenômeno das *vocações sacerdotais que se verificam em idade adulta*, já depois de uma longa experiência de vida laical e de empenhamento profissional. Nem sempre é possível, e muitas vezes nem sequer é conveniente, convidar os adultos a seguir o itinerário educativo do Seminário Maior. Deve-se antes providenciar, depois de um cuidadoso

discernimento acerca da autenticidade de tais vocações, no sentido de programar uma forma específica de acompanhamento formativo que consiga assegurar, por meio de oportunas adaptações, a necessária formação espiritual e intelectual. Um reto relacionamento com os outros candidatos ao sacerdócio e períodos de presença na comunidade do Seminário Maior poderão garantir a plena integração dessas vocações no único presbitério e a sua íntima e cordial comunhão com ele”.

A Congregação para o Clero, na *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, intitulada “O dom da vocação presbiteral” (CNBB, n. 24, 2017), afirma que: “aqueles que descobrem o chamado ao sacerdócio ministerial em idade avançada, normalmente apresentam-se com uma personalidade mais estruturada e um percurso de vida caracterizado por experiências diversificadas. [...] Cuide-se de acompanhar estes candidatos mediante um caminho sério e completo que, no âmbito de uma vida comunitária, deverá incluir uma sólida formação espiritual e teológica, *de acordo com um oportuno método pedagógico e didático que leve em consideração o seu perfil pessoal*” (grifo meu).

O clamor por novas estruturas

Em muitas dioceses e congregações religiosas, existe a tentativa de se adaptar programas formativos já existentes para acolher os adultos que se apresentam. O ato de “remendar” indica, normalmente, uma tentativa de se consertar algo, com aquilo que está disponível à mão, por não haver outra alternativa para fazer diferente. A tentativa de inserir “vocações adultas” nas estruturas já existentes é como remendar, adaptar, improvisar; sempre, porém, a partir de uma maneira já conhecida de se pensar e trabalhar, tendo como base, ainda,

estruturas “antigas”. Por isso, “é preciso ter a coragem de levar a fundo uma revisão das estruturas de formação e preparação do clero e do laicato da Igreja que está no Brasil”, como afirmou o Papa Francisco aos bispos do Brasil, no Rio de Janeiro, em 27 de julho de 2013.

A boa notícia é que não precisamos começar do zero. Nos anos 80 do século passado, Dom Hubertus C. A. Ernst, então bispo da diocese de Breda, Holanda, já pensava assim, ao fundar o Instituto Bovendonk: “no início, em 1983, o Seminário Bovendonk era considerado como uma maneira especial de dar oportunidade à formação de candidatos ao ministério eclesial a quem, de outro modo, seria inatingível. Seria um jeito singular de abrir mais portas pelas quais interessados poderiam ter acesso ao ministério presbiteral e a Igreja poderia ter mais padres”. Assim, o instituto deveria abrir as portas “para adultos que exercem uma profissão na sociedade e que, a partir de uma consciência vocacional, desejam passar para o ministério presbiteral ou diaconal na Igreja”.

Em outubro de 2018, o Instituto Bovendonk celebrou os seus 35 anos de existência. Foram ordenados 101 presbíteros e 15 diáconos permanentes para várias dioceses e congregações – número significativo para um país de 17 milhões de habitantes, dos quais, em 2016, apenas 3,8 milhões (22,4%) eram inscritos como católicos e, desses, 173.500 eram considerados frequentadores regulares da igreja, com uma participação mínima de uma vez por mês, conforme a página da Província Eclesiástica da Holanda. Tive o privilégio de ser reitor desse instituto, entre os anos de 1995 e 2007. É certo que, inicialmente, estava hesitante e carregava a mesma pergunta que muitos se faziam: “Um instituto assim, para pessoas com mais de 28 anos de idade, poderá dar bons frutos?”. Todavia, à medida que fui trabalhando com a estrutura já encontrada, adaptando-a e

aprimorando-a, com a ajuda de uma boa equipe de colaboradores, aprendi muito com os colegas da coordenação, com os professores e, mais ainda, com os próprios formandos, todos homens maduros, comprometidos e fortemente motivados.

É interessante e marcante Dom Ernst ter pensado em primeiro lugar nas pessoas vocacionadas (“... a quem, de outro modo seria inatingível. [...] uma oportunidade singular de abrir mais portas pelas quais interessados poderiam ter acesso ao ministério presbiteral”) e, em segundo lugar, na necessidade da Igreja (“para que a Igreja pudesse ter mais padres”).

Esse aparente pormenor de colocar os vocacionados em primeiro lugar é de grande importância, pois mostra claramente que o bispo entendeu que a Igreja deve assumir a responsabilidade pela realização do plano divino na vida dessas pessoas, não as vendo predominantemente como “mão de obra” para manter suas instituições funcionando.

Outra observação do fundador reforça que se deve ter “atenção especializada e sintonizada com as necessidades e possibilidades do candidato”, tendo a Igreja, também, responsabilidade sobre sua autorrealização. Embora sejamos comumente inclinados a ver somente a partir do nosso ponto de vista, devemos também nos perguntar se “esta pessoa poderá se realizar como padre/diácono/religioso...”.

Não raramente se encontra na Pastoral vocacional uma mentalidade já bastante antiga e persistente, embora sutil, inclinada a pensar e agir com os parâmetros do mundo empresarial: “esta pessoa serve para nós”, “irá nos trazer lucro”, “vai dar problemas”, “gosto dela”... Parece-me que, às vezes, consideramos ter a pessoa em nossas mãos, de tal modo que nos é dado todo poder sobre ela, que podemos decidir sobre sua vida como bem entendermos, e que ela depende totalmente de nós – o que não deixa de ser uma atitude autoritária. Além disso,

julgamos ser sempre o vocacionado quem deve entrar nos modelos formativos existentes e normalmente não nos questionamos se tal modelo eficazmente o ajuda, de fato, a se formar da melhor maneira possível.

Após trabalhar por mais de 35 anos no mundo formativo, estou claramente consciente da importância e, cada vez mais, da gritante necessidade de um bom discernimento, para que se possa conhecer a pessoa, suas motivações e as possibilidades de que ela se torne um ministro ordenado. Frequentemente observamos problemas, escândalos, depressões e outras doenças morais e sintomáticas demais. Por outro lado, é justo também olharmos para nós mesmos, batendo no peito e assumindo a carência de agentes de Pastoral vocacional, de formadores e de outros responsáveis pelas vocações bem preparados para esse serviço tão delicado e importante na Igreja.

Outrossim, é muitas vezes por falta de autoconhecimento e profissionalismo que emergem inseguranças e moralismos nos educadores, para não falar da sempre existente preocupação com números, nas casas de formação. Muitos dos responsáveis pensam e esperam que sejam os próprios vocacionados os encarregados pelo oferecimento dos dados e “provas” de sua dignidade e idoneidade à própria admissão, tirando, assim, dos formadores, boa parte da sua responsabilidade pelo discernimento. No entanto, cabe a nós o trabalho de fazer surgir e de obter os dados necessários para considerar se o indivíduo está apto para ser um bom ministro e, ainda, se poderá ser alguém realizado e feliz como tal.

Na maioria das vezes, os vocacionados chegam com boas intenções, conscientes, além de outras possíveis motivações secundárias, utilitaristas. Porém, ainda não se conhecem a fundo, não têm total compreensão do que exatamente os move a pedir admissão à casa de formação. “Sinto que tenho vocação”

é uma expressão frequente, mas que, na verdade, contém dois grandes possíveis equívocos: em primeiro lugar, “vocação” não é algo predominante do “sentir” e, em segundo lugar, ninguém “tem” vocação; veremos isso no capítulo sobre “Vocação na Sagrada Escritura”. É, por isso, nossa responsabilidade, enquanto educadores e formadores, propiciar ocasiões ou oferecer meios para fazer vir à tona suas reais motivações e, assim, ajudá-los a se conhecerem melhor, para juntos desenvolvermos um reto processo de discernimento.

Penso que já passou, e muito, da hora de descermos do pedestal de “julgadores (inseguros) de vocações” e tocarmos o chão da realidade, para reconhecermos que indivíduos vocacionados podem de fato ser enviados pelo próprio Deus, e que ele nos manda cuidar deles, filhos seus, para que possa realizar, neles e por eles, seus desígnios e não os nossos. Quanto ao agir de Deus no indivíduo, destacamos a afirmação de Ban, Gasperowicz e Godinho, segundo os quais, ao invés de a pessoa ter de se adaptar a Deus, é Deus que “se adapta a nós para que possamos entrar em um diálogo profundo com ele. Para se fazer interceptar, Deus – em sua infinita condescendência – adapta-se à nossa linguagem, ao nosso estilo de personalidade. Com Abraão, usa o diálogo afetoso; com Jacó, coloca-se em luta; com Moisés, mostra-se ciumento; com Oseias, faz-se dócil... com Inácio de Loyola, o diálogo é batalhador e sistemático; com Teresa d’Ávila, a relação é passional e fortemente erótica; com Teresa de Lisieux, a relação é fundada sobre a simplicidade e a ingenuidade da infância”.¹

¹ Ban, Nicola; Gasperowicz, Krzysztof; Godinho, Fátima. Oração e estilos de personalidade. *Revista Tre Dimensioni*, Ancona, ano VII, jan./abr. 2010, pp. 17-33. (Psicólogos comprometidos no campo da formação, respectivamente, na Itália, Polônia e Uruguai. O artigo é uma síntese de um projeto comum realizado junto ao Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.)

Vale-nos, então, questionar: a Igreja também se adapta à pessoa, quando exige de um adulto conviver alguns anos em um ambiente no qual predominam jovens com mentalidade totalmente diferente e sem a experiência própria do adulto?

Penso que refletir sobre essa realidade pode nos ensinar muito sobre um novo modo de conceber a Pastoral vocacional e a formação para e com adultos. Enquanto não passarmos da mentalidade de que a pessoa e sua vocação pertencem à congregação, ao bispo ou aos responsáveis pela formação, para uma concepção de que essa pessoa é vocacionada por Deus, que ela é de Deus, e que nós somos apenas instrumentos auxiliares para, em nome do Senhor e com sua graça, dela cuidarmos e ajudarmos para que cresça e se torne tal qual ele a concebeu, não faremos uma pastoral vocacional de verdade, mas estaremos apenas preocupados em ter mais pessoas para fazer o “trabalho” nas paróquias e nas muitas outras áreas de serviço pastoral e social.

Quando Deus nos enviar um possível vocacionado, ele deve poder esperar o melhor tipo de acompanhamento, feito por pessoas não somente de boa vontade ou que aceitaram, por obediência, trabalhar na formação porque outros não quiseram. De fato, trabalhar na formação exige muito de si, não traz popularidade e não oferece muitas compensações. Quando o clero é jovem, como acontece em muitas dioceses, acrescenta-se ainda o fator medo ou receio de trabalhar com adultos, pessoas muitas vezes mais velhas que o próprio responsável pelas vocações. Padres novos, ainda eles mesmos em formação, preferem que os colegas seniores assumam essa responsabilidade, e não sem razão. O argumento para se nomear padres jovens como formadores seria de que “jovens entendem jovens”. Isso é verdade, mas nem sempre quer dizer que “jovem pode ajudar jovem”, pois ambos,

em muitos casos, vivem os mesmos conflitos ainda não resolvidos. Sempre defendi a tese, também quando eu era formador mais jovem, de que deveria haver pelo menos uma pessoa com mais experiência na equipe formativa. Ser educador/formador é, sem dúvida, uma vocação dentro da vocação. Lembro-me de que, durante um almoço com todos os reitores maiores e o Núncio Apostólico, na Holanda, este comentou: “Senhores, muitas vezes é mais difícil achar um bom reitor do que um candidato para ser bispo”. Um colega respondeu, brincando: “Então podemos voltar satisfeitos para casa”. E o Núncio falou, por sua vez, muito sério: “Eu disse um bom reitor”.

O que escrevo pode até parecer crítico demais, para com os responsáveis pelas vocações – dentre os quais também eu me incluo. Mas existe ainda o outro lado da moeda. Refiro-me a alguns interessados, vocacionados, principalmente com mais idade, que julgam “ter Deus no bolso” e veem os responsáveis pela formação como um estorvo, um obstáculo em seu caminho, pois têm a certeza de serem chamados por Deus, restando-nos apenas aceitá-los do jeito que são e não os incomodar demais com exigências e programas formativos. São aqueles do tipo “cheios de si”, com uma personalidade narcisista e/ou extremamente dominante, manipuladora, autônoma. O fato de, às vezes, terem tido sucesso em suas profissões ou serem muito bajulados em suas paróquias, não lhes dá o direito de se apropriarem da vocação, como se verifica com certa frequência. Esses traços, essa mentalidade, são mais fáceis de se detectar e observar já nos primeiros contatos – ao menos é o que se espera. Entretanto, como será que muitos passam por tantos anos de formação e acompanhamento sem que isso seja percebido? E, depois, ficam as queixas por conta de padres problemáticos ou pelo número insuficiente daqueles que podem assumir serviços de maior responsabilidade. Não precisamos

de responsáveis pela Pastoral vocacional e formadores do tipo paranoide, que desconfiam de tudo e de todos, mas sim de pessoas alertas, observadoras, com um “olhar humano e espiritual clínico”, e que, principalmente, não tenham medo de dizer “não”. E aqui esbarramos numa outra dificuldade: a coragem de confrontar e de tomar decisões que, no mínimo, não nos farão ser muito populares.

O que desejo destacar com tudo isso é que o assunto “vocação adulta” é complexo e exige uma abordagem diferente daquela que costumamos ter com os jovens; é um tema que grita por estruturas novas. E nova quer dizer nova mesmo! As tentativas de inserir adultos em programas adaptados já existentes, que vi e vejo serem feitas, não são algo novo, e consistem em um tipo de “remendo”. A grande questão é que o adulto não deveria deixar tudo para trás, sem ter sido antes testado em sua vocação. Tendo já uma profissão na sociedade, estabilidade social, e, mesmo sendo adulto na vivência da fé em uma comunidade paroquial ou outra, é um grande risco, tanto para o vocacionado quanto para a diocese/congregação, que ele deixe tudo para trás de uma vez só. E se não der certo? Seria espiritualizar dizer que, “se a pessoa realmente quer, ela pode deixar tudo”. E se, mesmo que tudo pareça estar “em ordem”, a verdadeira motivação de fundo vier a aparecer somente depois de alguns anos de acompanhamento? Precisamos, é claro, admitir que alguns conseguiram e estão conseguindo. Temos exemplos que “deram certo”. Mas, de quantos foi exigido deixar tudo para entrar em nossas estruturas, mesmo com adaptações, e que depois foram dispensados, muitos deles feridos, também porque nunca lhes foi explicado com sinceridade os verdadeiros motivos do *Consilium Abeundi*?² Novamente, podemos atribuir a

² Orientação para deixar o seminário ou o processo formativo.

causa da revolta ao vocacionado e espiritualizar, dizendo que é a pessoa que não consegue ver os desígnios de Deus (porque só nós podemos ler os seus desígnios, enquanto, na verdade, não soubemos apontar exatamente por que não se quer continuar com a pessoa ou não se teve a coragem de dizer-lhe), entretanto, esquecemos que fomos nós que lhe permitimos entrar num processo que conhecemos de antemão, mas ela não.

É, portanto, realmente necessário uma fase de passagem, de transição, de transformação, desde a atual situação de vida profissional e social, para um ingresso paulatino em uma outra vida, que lhe permita assimilar, com o tempo, uma nova mentalidade e, principalmente, torne-o capaz de passar de uma postura meramente eficiente para uma pastoralmente eficaz. Assim, vocacionado e diocese ou congregação, juntos, têm a possibilidade de discernir se este novo caminho de vida realmente será confirmado para o bem da Igreja e da pessoa em questão. E é justamente para isso que necessitamos de uma estrutura realmente nova, capaz de permitir que o indivíduo, durante alguns anos, continue com sua vida profissional e social, para que, a partir daí, ocorra uma *trans-forma-ção* gradual. E tal estrutura já existe há mais de 35 anos.

Quando assumi a reitoria, na Holanda, procurei por literatura sobre formação de adultos ao ministério ordenado, mas não encontrei. E, pelo que sei, ainda não existe. Então, decidi colocar minhas experiências no papel, para dividi-las com quem estiver interessado.

Há, ainda, um segundo motivo para se publicar tal experiência realizada em outro país. Vejo como sinal da iniciativa divina que isso ocorra exatamente no início do ano em que Bovendonk celebrou seus 35 anos e o arcebispo de Curitiba, no Paraná, Dom José Antônio Peruzzo, assinou o decreto de

fundação do Instituto Discípulos de Emaús (IDE). Trata-se, também, de um instituto pioneiro no Brasil, aberto à acolhida de adultos, tanto para a formação ao diaconato permanente quanto para o presbiterado. O primeiro grupo de 17 vocacionados ao diaconato permanente, proveniente de três dioceses, junto com seis vocacionados ao presbiterado, de quatro dioceses, iniciou sua formação no dia 23 de fevereiro de 2019. No ano de 2020, foram admitidos 11 candidatos ao presbiterado, provenientes de três dioceses, de uma congregação religiosa e de uma nova comunidade; e sete candidatos ao diaconato permanente, provenientes de duas dioceses. Já em 2021, o terceiro ano de existência do instituto começou com o total de 46 formandos, dos quais 17 são para o presbiterado. Dois dos candidatos ao diaconato permanente pertencem a outras duas dioceses, que não ficam em Curitiba. Os 17 vocacionados ao presbiterado pertencem a seis dioceses, a uma congregação religiosa e uma Comunidade de Vida. A idade média dos que desejam ser presbíteros é de 33 anos; dos que se preparam para o diaconato permanente, 45 anos.

O modelo IDE é muito similar ao modelo Bovendonk. Providencialmente, a Escola Diaconal existente na Arquidiocese de Curitiba já funcionava a partir de encontros formativos realizados aos finais de semana, de modo que se tornou relativamente fácil integrar, em uma nova e única estrutura, inclusive com novo nome, o processo formativo tanto para diáconos permanentes quanto para presbíteros. Outra diferença com relação a Bovendonk é que os vocacionados ao diaconato permanente não seguem o processo de formação de seis anos, como aqueles ao presbiterado, mas, sim, de quatro anos. Isso devido ao fato de que o diácono permanente, no Brasil, exerce seu ministério de modo “voluntário”, ou seja, não remunerado, de modo que deve continuar a exercer sua profissão secular ou ser já aposentado.

Ao menos, assim o é na grande maioria dos casos. Na Holanda, porém, todos os diáconos permanentes também são remunerados e, portanto, disponíveis em tempo integral.

O Senhor está chamando pessoas de idade adulta e madura – homens ao presbiterado e ao diaconato permanente, e mulheres e homens para a vida consagrada. Nós precisamos ajudar essas pessoas no processo de discernimento de sua vocação e, se for o caso, auxiliá-las na realização dos desígnios de Deus em sua vida.

A formação em período parcial para o presbiterado, especificamente para homens mais maduros e com emprego fixo, é um modelo formativo não muito comum e nem muito conhecido na Igreja Católica. Entretanto, junto aos modelos convencionais de seminário em período integral (modelo francês) e com a possibilidade de residir em uma comunidade formativa e estudar numa universidade (modelo alemão), não é apenas um modelo a mais, mas se apresenta como um dos possíveis novos caminhos desejados pela Igreja como proposta a homens adultos.

Divisão do texto

O primeiro capítulo trata da vocação na Sagrada Escritura, que se desenvolve por um processo, com elementos “fixos”, comuns e reconhecíveis em todas as histórias vocacionais. O segundo considera a resposta do homem, com todas as qualidades, e também as limitações, próprias do ser humano, ao chamado de Deus. Esses dois capítulos são refletidos com os alunos do primeiro ano.

No terceiro capítulo, discorro sobre quem propriamente é “o adulto”, o que o diferencia do jovem, descrevendo o processo

de fundação de um instituto específico para oferecer aos adultos o que, de fato, precisam para crescer em sua vocação. No quarto capítulo, descrevo os aspectos que me chamaram a atenção na prática cotidiana do trabalho com candidatos adultos, e procuro, com base na experiência vivida nos 12 anos como reitor do instituto na Holanda, indicar quais poderiam ser os pontos que merecem especial atenção no processo formativo de homens maduros. Optei por tratar de alguns assuntos recorrentes, considerando-os na ordem cronológica em que aparecem no processo formativo: seleção e admissão; o itinerário dos seis anos de formação; o término, e a conclusão destes seis anos. Estou convicto de que o grau de integração psicoespiritual, ou seja, a maturidade geral do candidato ao presbiterado e ao diaconato permanente exerce forte e direta influência sobre sua futura efetividade pastoral. É ela a base sobre a qual se pode construir um ministro ordenado responsável, capaz e realizado. Por isso que as minhas considerações, nesse quarto capítulo sobre o processo formativo, são de cunho predominantemente psicoespiritual. Deixo para que outros colegas tratem, em outras publicações e de modo mais específico, da dimensão da formação intelectual.

O quinto capítulo trata do engajamento e do estágio pastoral; os capítulos seis e sete, dedico à descrição de vários tipos de acompanhamento realizados durante todo o processo, destacando, no sexto, aqueles já conhecidos, mas nem sempre explorados, e, no sétimo, o colóquio de crescimento vocacional – uma proposta baseada na teoria e na prática do Padre L. M. Rulla, sj. Foram incluídos, ainda, dois anexos para maior compreensão da prática cotidiana do Instituto Bovendonk.